

Fundamentalismo cristão e infâncias: Reflexões autobiográficas¹

Lucas da Silva Martinez*

Não evite disciplinar a criança; se você a castigar com a vara, ela não morrerá. Castigue-a, você mesmo, com a vara, e assim a livrará da sepultura (Provérbios 23:13-14).

Que todas estas palavras que hoje lhe ordeno estejam em seu coração. Ensine-as com persistência a seus filhos. Converse sobre elas quando estiver sentado em casa, quando estiver andando pelo caminho, quando se deitar e quando se levantar (Deuteronômio 6:6-7).

Introdução

Lucas, 27 anos, estudante, casado e pai. É em 2021 que começa este artigo, apesar de sua origem começar ainda bem antes, não em formato de artigo, mas em experiência de vida. Ser criado e educado por uma família e por uma instituição religiosa fundamentalistas traz total diferença ao modo como me constituí como sujeito, hoje adulto e um pouco atormentado por histórias e punições bíblicas. Tento aprofundar algumas dessas histórias e sentimentos ao longo do texto. Os versículos na epígrafe, orientando os pais em relação à educação das crianças são bastante emblemáticos e ressaltam não só a doutrinação (ensinar com persistência, a todo momento), como também o castigo. Castigo aqui é entendido como não divino e sobre a eternidade, mas, especialmente o físico. Esse versículo, em especial, está aqui para lembrar-nos que, por influência do discurso religioso, a violência física é uma opção plausível (e até desejável) em muitas famílias brasileiras.

A violência simbólica, nos termos de Bourdieu (2017, p. 12), parece aplicar-se bastante à doutrinação e educação fundamentalista cristã, sendo que ela é um exercício de poder majoritário:

¹ "O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001".

* Pedagogo; Especialista em Docência no Ensino Superior; Mestre e Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria. Pesquisador Associado do Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura (CLAEC).

E-mail: lucasmartinez@claec.org

[...] violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou em última instância, do sentimento.

A violência simbólica, nesse contexto, manifesta-se como manipulação e abuso espiritual (AVIZ; GIRARDELLO, 2021). Porém, cabe discorrer, primeiramente, sobre o fundamentalismo cristão. O objetivo deste artigo consiste, portanto, em problematizar os impactos e as infâncias produzidas a partir do fundamentalismo cristão, tendo base narrativas autobiográficas.

Os fundamentalismos e a relação com a infância

Em primeiro lugar, uma crítica às religiões de modo geral, em especial, às variações e ramificações das religiões islâmicas e judaico-cristãs. Quando tratamos de fundamentalismo, autores “[...] enfatizam a necessidade de se falar de *fundamentalismos*, no plural, para evitar a tendência de associar a palavra ‘fundamentalismo’ apenas a movimentos islâmicos radicais” (AVIZ; GIRARDELLO, 2021, p. 1045). Nesse caso, neste artigo, focalizamos o fundamentalismo especificamente cristão. No Brasil, talvez os maiores representantes sejam as igrejas neopentecostais que “[...] se distinguem pela exacerbação do tema da guerra espiritual, ênfase na pregação da prosperidade material, liberalização de estereótipos, usos e costumes e estruturação empresarial” (GABATZ, 2017, p. 77). Nelas, parece estar mais presente o medo dos demônios e do inferno do que, talvez, uma visão positiva da religião.

Apesar de não tomar a religião cristã como parâmetro de vida feliz e saudável, não é possível ignorar que, em muitos casos, ela funciona efetivamente ajudando as pessoas, através de comunidades de apoio, trabalho de caridade etc. É ainda, sobretudo, para os jovens, um local de sociabilidade, identificação com uma comunidade, um espaço onde são produzidas identidades.

Para Marlene Winell, Psicóloga e Doutora em Desenvolvimento Humano e Estudos Familiares, há uma possibilidade positiva na espiritualidade ou religiosas quando:

Grupos que reúnem pessoas e promovem o autoconhecimento e crescimento pessoal podem ser considerados saudáveis. Esses grupos colocam alto valor no respeito às diferenças e os membros se sentem empoderados como indivíduos.

Eles oferecem apoio social, lugar para eventos e ritos de passagem, troca de ideias, inspiração, oportunidades de serviço e conexão com as causas sociais. Eles incentivam as práticas espirituais que promovem a saúde, como a meditação ou princípios para viver como regra de ouro (GOTARDO, 2013, s./p.).

Winell é uma das poucas referências sobre o assunto. A psicóloga cunhou o termo “Síndrome do trauma religioso” para identificar transtornos associados à doutrinação de crenças fundamentalistas religiosas. Ela possui um grupo de apoio online focado em ajudar as pessoas a se “recuperar de religião prejudicial”, chamado *Journey Free* (Viagem livre). Alguns materiais estão disponíveis em seu site². Voltamos nela depois.

Em segundo lugar, consideramos as religiões orientais ou de matriz africana. Sobre estas não temos experiência nem conhecimento teórico que as suporte no momento. Por isso, enfatizamos o fundamentalismo cristão como objeto neste texto. Há, de minha parte, uma profunda rejeição acerca de qualquer sistema de pensamento religioso que, através de técnicas e ensinamentos, opere no governo dos indivíduos, especialmente deles por si mesmos, tal qual o conceito de técnicas de si de Foucault (2008). O que defendo é a liberdade do indivíduo para guiar sua vida respeitando a dignidade humana, ou seja, dentro dos padrões éticos e morais de sociedades democráticas e laicas. Não é necessário nenhum tipo de religião para sermos bons (DAWKINS, 2007).

Qual a definição de fundamentalismo? Para o Dicionário Online de Português há três definições:

Doutrina ou prática das religiões que interpretam de modo literal as escrituras sagradas; Movimento religioso que, originado entre os protestantes dos E.U.A., é definido pela interpretação literal da Bíblia; [...] Toda ideologia, movimento ou ação conservadora que afirma ser essencial a obediência excessiva e literal de quaisquer noções básicas (FUNDAMENTALISMO..., 2021, s./p.).

Segundo Panasiewicz (2008), o fundamentalismo religioso cristão está relacionado, historicamente, ao modo com os quais o texto bíblico foi (ou não) interpretado. Ademais, na modernidade, surgiram métodos distintos para a interpretação bíblica, como a hermenêutica e métodos histórico-críticos. Em especial,

² Disponível em: <https://journeyfree.org>. Acesso em: 31 ago. 2021.

o surgimento da teologia liberal e a possibilidade de contextualização do conteúdo bíblico em função da modernidade.

No final do século XIX e começo do século XX, começa a despontar uma teologia, no universo protestante europeu, que quer entrar em diálogo com a modernidade. Teólogos como Albert Ritschl, Otto Pfleiderer, Adolf von Harnack e Ernst Troeltsch irão desenvolver a teologia liberal (PANASIEWICZ, 2008, p. 02).

Entretanto, é a partir de 1895 nos Estados Unidos que teólogos liberais conservadores estabeleceram princípios fundamentais ao cristianismo, de modo a definir, segundo eles, de uma vez por todas, algumas verdades sobre a bíblia e o cristianismo. Algumas ideias, portanto,

[...] passaram a ser defendidas pelos teólogos conservadores até que entre 1909 e 1915 foi publicada uma série de quinze volumes com o título *The Fundamentals: A Testimony to the Truth* (Os Fundamentos: A Testemunho da Verdade), sua edição foi financiada por Lyman Stewart, fundador da Union Oil Company. É o título desta coleção que irá qualificar esse movimento de fundamentalista, pois ele quer fixar os fundamentos da fé cristã [...] Esses pontos expressam verdades que devem ser aceitas e não debatidas, pois estão na bíblia e ela não contém erros. Tudo que está na bíblia foi inspirado por Deus e, portanto, deve ser acatado, pois é para o bem e felicidade do ser humano. Se o que está escrito na bíblia foi inspirado por Deus, qualquer interpretação da mente humana é, para os fundamentalistas, ofensiva a Deus. Por isso a teologia liberal, o método histórico-crítico e a hermenêutica foram duramente criticados e negados pelos fundamentalistas (PANASIEWICZ, 2008, p. 03).

É a partir desse ponto em que podemos falar de um fundamentalismo cristão. Panasiewicz (2008), citando alguns movimentos históricos, destaca alguns pontos da ação fundamentalista cristã nos Estados Unidos, entre eles, a perseguição aos professores que ensinavam a teoria da evolução, ao invés do criacionismo, crença de que Deus criou homem e mulher e, logo, ele “não evoluiu do macaco”; instituição da oração nas escolas e, especialmente, intervenção e participação cada vez mais ativa da religião nos governos. Esse ponto específico, podemos ver instituído no Brasil.

Aviz e Girardello (2021) usam, em seu texto, o referencial de Karen Armstrong (2009) para conceituar fundamentalismo religioso. A definição de Armstrong é rica e fundamental para entendermos a nocividade do fundamentalismo. Não por ser uma

crença, como qualquer outra, mas porque o fundamentalismo encara tudo que está fora (o secular) como inimigo. Para a autora:

São formas de espiritualidade combativas, que surgiram como reação a alguma crise. Enfrentam inimigos cujas políticas e crenças secularistas parecem contrárias à religião. Os fundamentalistas não veem essa luta como uma batalha política convencional, e sim como uma guerra cósmica entre as forças do bem e do mal. Temem a aniquilação e procuram fortificar sua identidade sitiada através do resgate de certas doutrinas e práticas do passado. Para evitar contaminação, geralmente, se afastam da sociedade e criam uma contracultura; não são, porém, sonhadores utopistas. Absorveram o racionalismo pragmático da modernidade e, sob a orientação de seus líderes carismáticos, refinam o “fundamental” a fim de elaborar uma ideologia que fornece aos fiéis um plano de ação. Acabam lutando e tentando ressacralizar um mundo cada vez mais céptico (ARMSTRONG, 2009, p. 11 apud AVIZ; GIRARDELLO, 2021, p. 1041).

É pelo caráter combativo que é tão perigoso e, especialmente, na infância, serve para caracterizar a criança e o jovem como um soldado, alguém que tem uma missão: ser uma luz ou alguém diferente no ambiente de trevas (escola, universidade, trabalho); ser um militante, alguém que está destinado a converter os outros; estabelecer o padrão de diferença entre eles, os salvos e os outros, os perdidos, pecadores. Para Aviz e Girardello (2021, p. 1047), o Fundamentalismo Religioso Cristão usa uma lógica binária para separar os indivíduos através da doutrinação, acionando diferenças basilares ao definir alguns como bons e outros através de adjetivos como “[...] mau, pecador, perdido, mundano, profano, sujo, odioso, desalmado, detestado etc”.

Minimamente estabelecido o cenário em que me encontro, como sujeito e como pesquisador, tento, neste ensaio, explorar alguns aspectos relacionados a experiências fundamentalistas vividas na minha infância, narrando-as e fazendo um exercício reflexivo. Portanto, tomo alguns eventos da minha vida, apresento-os por meio de narrativa autobiográfica, que se institui como subsídio para fortalecer o argumento de que experiências extremas devem ser a todo custo evitadas na infância. Como declara Winell, “[...] religião é algo que não deve ser ensinado para crianças e o fundamentalismo rouba a identidade das pessoas” (GOTARDO, 2013, s./p.).

As disputas religiosas em um Brasil fundamentalista

O tema do fundamentalismo religioso, em especial, o cristão, tem forte relação com a Educação, em função de que nosso país, governado por políticos cristãos e conservadores, cada vez mais desloca-se em direção ao cristianismo, não só pela escolha de ministros “terrivelmente evangélicos” como já declarou o presidente Jair Bolsonaro, como também pela “ideologia de gênesis”, ideologia “[...] através da qual nega a perspectiva científica, persegue o saber acadêmico e impõe uma agenda conservadora influenciada pela moral cristã” (ACOSTA; GALLO, 2020, p. 06).

Este texto vem ainda na esteira dos movimentos contemporâneos, em especial, às notícias relacionadas com a tomada do grupo islâmico Talibã com a retirada das tropas americanas que ocuparam o Afeganistão ainda em 2001. Parece que a sociedade brasileira (e, possivelmente, o ocidente como um todo) tem facilidade de perceber o fundamentalismo religioso nas religiões islâmicas, mas não percebe como esse movimento está presente em muitos lugares, em especial, no cristianismo americano e brasileiro.

Acosta e Gallo (2020, p. 16), em seu artigo, discorrem sobre como, através de movimentos políticos e, especialmente, do ponto de vista do discurso político e educacional, vem se estabelecendo uma ideologia de gênesis que funciona como “[...] regime de verdade centrado no religioso que, ao propagar uma noção dogmática de verdade, não admite contestações e tudo faz para impor-se sobre conhecimentos que são produzidos a partir de outros referenciais [...]”. A noção de regimes de verdade vinda de Foucault (2019) trata de registrar que, em cada momento histórico, há certo conjunto de verdades que guiam a sociedade e que são tomados por ela como legítimos para funcionar seus saberes e poderes. Basta dizer que, em um Brasil e, de modo geral, na tomada conservadora da América Latina, a ideologia de gênesis torna o discurso religioso como verdadeiro e os estudos de gênero e o conhecimento científico geral, como falsos.

Tomam noções machistas de família, conspirações criacionistas e a bíblia como base para constituir uma nação como elementos legítimos na educação das crianças e, até emissoras de televisão fazem isso ao operar em todas as idades, através de “[...] explorar novelas evangélicas e não necessariamente tramas bíblicas para criar 'uma nação cristã' [...]” (CÉSAR, 2021, s./p.). Em maior escala, acusam a escola de doutrinação marxista, comunista e, especialmente, sob a falsa noção de “ideologia de gênero” que

[...] foi originalmente acionada por autoridades eclesiais católicas para promover um clima de pânico moral em torno a uma iminente ruína moral da civilização humana, tendo sido, em seguida, apropriada por fundamentalistas religiosos/as neopentecostais (LIONÇO *et al.*, 2018, p. 601).

A “ideologia de gênero” aparece com maior impacto a partir de 2014, quando a “[...] linguagem relativa a gênero e sexualidade foi repudiada pelas lideranças e fiéis evangélicos envolvidos em debates do Congresso Nacional sobre o Plano Nacional de Educação” (LIONÇO *et al.*, 2018, p. 602). Logo ela aliou-se a outros movimentos como Escola Sem Partido ou, como preferimos chamar, Escola com Mordada, censurando o debate público sobre gênero e sexualidade e acusando os professores de serem doutrinadores.

A ideologia de gênese, portanto, opera através de ações como:

Controlar, cercear e censurar a produção do conhecimento, o livre pensar e a pluralidade de ideias presente em sala de aula para a imposição de um ‘saber verdadeiro’, ancorado nos ensinamentos bíblicos, são metodologias utilizadas pela ideologia de gênese para a imposição de um referencial teórico único: o cristão-conservador (ACOSTA; GALLO, 2020, p. 16).

Desse modo, de início, podemos estabelecer que esse tema do fundamentalismo cristão não parte da cabeça de um jovem pesquisador atormentado pela doutrinação religiosa na infância. É, sem dúvida, um tema legítimo e desprezado por grande parte da comunidade acadêmica brasileira. As referências sobre o tema (fundamentalismo religioso e infância) são escassas e trazemos algumas delas para o debate.

Narrativas pessoais

As narrativas são modos de relatar a experiência vivida. É por meio dela que os sujeitos contam, recontam e, por meio do ato de narrar, constituem-se. Para Connelly e Clandinin (1995, p. 11, tradução nossa), “[...] os seres humanos são organismos contadores de histórias, organismos que, individual e socialmente, vivemos vidas relatadas”. As narrativas, na pesquisa, podem ser tomadas como método, como fenômeno e como dispositivo de formação. Neste artigo, uso a minha narrativa para dar sentido a alguns acontecimentos sociais e pessoais, visto que ela é produto e produtora dos sentidos. O indivíduo, neste caso, “[...] é produto de uma história da

qual se tornou sujeito. O social se constitui no pessoal, a singularidade de uma história pessoal pode ser um meio de acesso ao conhecimento do sistema social em que está inserido ou viveu” (BOLÍVAR; DOMINGO; FERNÁNDEZ, 2001, p. 124, tradução nossa). Assim, tomo minha experiência como base para pensar alguns impactos do fundamentalismo cristão na infância, apoiado, especialmente, na pesquisa de Aviz e Girardello (2021). Tomo, como posição, portanto, tratar o tema a partir das minhas experiências, dando ao leitor um olhar pessoal sobre o tema. É evidente a possibilidade de pensar esses movimentos a partir da realidade brasileira, do ponto de vista educacional e das políticas públicas. Logo, a opção aqui feita revela a profunda necessidade de tornar visível e convocar outros sujeitos a falarem de si.

Aviz e Girardello (2021), em seu trabalho de investigação, discutem narrativas de mulheres que cresceram em contextos de fundamentalismo religioso, na sua maioria, cristão. A urgência do tema impõe-se, já que

Apesar de a temática da violência contra criança em contextos fundamentalistas extremistas vir sendo colocada em debate há algum tempo em outros países, parece ser invisível aos pesquisadores brasileiros, e a comunidade acadêmica parece não considerar importante discutir uma questão ainda quase tabu (AVIZ; GIRARDELLO, 2021, p. 1037).

Na minha experiência, esse tema começou a surgir timidamente há cerca de seis anos. O afastamento do contexto religioso permitiu-me perceber que, sendo subjetivado diariamente, tanto pela doutrinação como pela sociabilidade no espaço religioso, estava vivendo uma situação de violência. Tendo ciência de que o foco das autoras é acerca das crianças e mulheres, de antemão entendo que os efeitos em mim são bastante distintos, haja vista que sobre as mulheres há intenso controle do corpo, da reprodução e há mais proibições. Entretanto, é preciso questionarmo-nos sobre as vivências dos meninos nas instituições religiosas, pois eles, provavelmente, são expostos a violências e processos de silenciamento também. Mesmo assim, há certa familiaridade quando falam de religião e líderes missionários que, em suas igrejas ou campos, “[...] chegaram com um plano estratégico que visava, especialmente, as crianças, com métodos e materiais exclusivos à sua doutrinação desde a pequena infância” (AVIZ; GIRARDELLO, 2021, p. 1038). O fundamentalismo cristão extremista focaliza as crianças e mulheres e usa “métodos e materiais de doutrinação” como forma de manipulação.

Aviz e Girardello (2021, p. 1039), constituindo aqui, neste ensaio, inspiração primordial, insistem afirmando que:

Os abusos contra crianças nesses tipos de movimentos extremistas, conforme já ilustrou Dawn Smith, praticam-se por meio do *abuso espiritual* o qual, segundo Winell (2007), faz-se por diferentes tipos de *manipulação*. Dentre essas, a mais nociva e explorada na criança, desde a pequena infância, é, segundo a autora, a *manipulação pelo medo*. As crianças presas a esses tipos de instituições aliadas à família acessam, desde o engatinhar, métodos e materiais criados, especificamente, para instaurar o medo.

Dawkins (2007, p. 405-406), professor de Oxford, na mesma direção, declara que:

Estou convencido de que o termo "abuso infantil" não é exagero quando usado para descrever o que professores e padres estão fazendo com crianças que incentivam a acreditar em coisas como a punição de pecados mortais inconfessos num inferno eterno.

É com o medo que se mantém a submissão. E esse medo institui-se a partir de diferentes materiais como livros. A autora cita “[...] O livro *sem palavras*, material pensado para a doutrinação de crianças pequenas, no sentido de convertê-las a uma crença” (AVIZ; GIRARDELLO, 2021, p. 1039). Eu não tive acesso a esse livro, mas participei, por mais anos do que me lembro, de “escola bíblica dominical”, em que líamos lições e fazíamos reflexões sobre os temas bíblicos. Eram comuns revistas como estas, adquiridas pela minha mãe e pelas mães de outras crianças.

Aviz e Girardello (2021) fazem uso de Winell (2007), livro não traduzido para português que, em sua tradução literal, seria “Saindo do rebanho: um guia para ex-fundamentalistas e outros que estão deixando sua religião” (*Leaving the Fold: a guide for former fundamentalists and others leaving their religion*). A psicóloga já citada é uma das poucas referências no assunto. Para ela, trata-se de abuso espiritual, certas práticas realizadas com crianças, especialmente quando se dá pela manipulação através do medo.

A autora coloca o *abuso espiritual* como uma categoria maior na discussão sobre a violência contra meninas e mulheres, uma vez que esse abuso funciona como um termo “guarda-chuva” que agrega todas as outras formas de abusos, inclusive o sexual. Segundo a autora, a compreensão do *abuso espiritual* dá-se

apenas no campo da compreensão dos aspectos do *fundamentalismo*, que são mentalmente e emocionalmente manipulativos. Nessa perspectiva, o medo aparece como um dos mais potentes modos de *manipulação* (AVIZ; GIRARDELLO, 2021, p. 1044).

O abuso não é apenas psicológico, mas, sobretudo, muitas vezes, pode ser sexual. Por sorte, não é o caso das minhas narrativas. Entretanto, não podemos ignorar que as instituições religiosas, locais, onde, supostamente, as crianças estariam protegidas, muitas vezes, são locais de abusos. Dawkins (2017, p. 404) lembra-nos que: “A Igreja Católica no mundo todo já pagou mais de 1 bilhão de dólares em indenizações”. Mesmo ela não sendo, naturalmente, um local fundamentalista, não podemos negar as violências já cometidas. As indenizações convertidas em dinheiro, certamente, não compensam os traumas causados. Nas igrejas evangélicas, o cenário é um pouco diferente: as proibições quanto ao sexo e, de algum modo, às relações de namoro, acrescentadas da falta de informações sobre cuidados com o corpo, com a sexualidade e com a saúde reprodutiva, como o uso de anticoncepcionais, leva a gravidez e casamentos precoces, em prol da manutenção da imagem da família tradicional.

No artigo de Aviz e Girardello (2021), várias narrativas femininas são apresentadas. Uma delas, em especial, causava pavor à narradora, tratava-se de um quadro com dois caminhos, um para o céu e outro para o inferno. As autoras, a partir de Winell, insistem afirmando que o pavor causado a essa mulher, fruto de uma experiência extrema desde a infância “[...] indicam a profundidade do medo e da ansiedade que elas desenvolverão [...]” (AVIZ; GIRARDELLO, 2021, p. 1045). A narrativa da jovem em questão (Girassol, 37 anos) demonstra a perturbação causada pela doutrinação. Trago-a aqui para demonstrar que minhas narrativas não são únicas:

Mas o quadro que mostrava os Dois Caminhos, um levava ao céu e o outro ao inferno. E a imagem do céu era a que mais me torturava no dia a dia. Eu não podia ver o reflexo do Sol atrás das nuvens. Cada vez que eu estava andando na rua e via o desenho dos reflexos do Sol atrás das nuvens, eu corria pra casa em pânico, entrava no quarto e começava a orar para pedir perdão por todos os pecados que eu achava que tinha cometido. Eu morria de medo porque pensava que aquela imagem era o sinal da volta de Jesus (AVIZ; GIRARDELLO, 2021, p. 1044).

Quando era criança, não tive escolha. Eu não optei por ser cristão ou fundamentalista. Nasci em uma casa onde, de um lado, havia uma mãe e uma avó

cristãs, participantes do coral da igreja, dizimistas fiéis e, de um lado, um pai descrente, “desviado”. Do lado materno, estive ligado à religião desde o nascimento, apresentado na igreja, protegido pelas orações de “irmãos e irmãs”. Mas, na igreja, ouvi muitas histórias. Algumas delas reproduzo aqui, outras são reproduzíveis apenas na terapia, local no qual me esforço para “me libertar”.

Não sei quando exatamente, mas foi na igreja que aprendi que Jesus estava voltando e que, quando ele voltasse, muitas coisas apocalípticas aconteceriam, entre elas, a transformação da água em sangue. Lembro de, não poucas vezes, telefonar para minha mãe ver se ela estava em casa e, por ela não atender, desesperar-me achando que “Jesus tinha voltado”. Não foram poucas vezes que corri em pânico para casa e a primeira coisa que eu fazia era abrir a torneira para ver se havia sangue ou água. Essa experiência de pavor enquadra-se naqueles relatos que, além do sofrimento, causam arrepios “até a espinha”.

Foi-nos ensinado também que deveríamos orar fervorosamente, em alta voz, para que Deus escutasse. E que, por ele ter sido bom, deveríamos ser sempre gratos, especialmente, quando ele nos protegesse. E, para tornar isso mais vivo, minha avó sempre contava a história de uma menina que pedia que Jesus a cobrisse com seu sangue (parece que isso deveria proteger alguém). E essa menina, sempre quando dormia, orava e pedia para que Jesus a protegesse. Até que um dia, um bandido invadiu sua casa e entrou em choque quando a viu na cama, coberta de sangue. Ele desesperou-se e entregou-se à polícia, avisando que ele não teria a assassinar, entraria apenas para roubar. Teria sido Jesus que a protegeu e apenas o bandido isso viu. Não sei o que é pior, ter sua casa assaltada ou seu corpo coberto de sangue de outra pessoa.

Essas histórias que, nas duas ocasiões estão relacionadas com sangue, dizem respeito às variadas menções ao sangue de Cristo ou “sangue do cordeiro” na Bíblia. Elas não são frutos da mente de alguém paranoico, mas fazem parte de um documento valorizado como “A Verdade” para milhões de pessoas.

Uma dessas histórias parece positiva. Afinal, para milhões de pessoas, Deus, Jesus é um protetor. Mas, a primeira história, sobretudo, suscita o caminho para o inferno, local de queimação e tortura eterna. Aviz e Girardello (2021, p. 1045) escrevem que

[...] uma questão determinante nos argumentos de Winell (2007), e que merece nossa atenção, é o ataque à imaginação das crianças, já que a técnica mais poderosa do *fundamentalismo cristão extremista* é a tática do terror, e sabemos

o quanto o medo pode paralisar as forças imaginantes. O *fundamentalismo cristão* ensina a existência do inferno: um lugar de tormentos eternos.

A imaginação da criança criada em um ambiente fundamentalista, que tem, como horizonte de vida, lutar com todas as forças para ser perfeito e “salvo” tem, como antagonista, o outro lado, o inferno, o local dos ímpios. E isso se constitui a partir da imaginação. Eu poderia descrever ao longo de muitas páginas sobre a imaginação, o desenvolvimento psicológico das crianças, citando Piaget, Vigotski, mas não o farei. As narrativas aqui, creio que já mostram como pequenas histórias podem afetar alguém tão profundamente, a ponto de ter a necessidade de tornar isso público em um artigo.

Dawkins, durante suas pesquisas, descreve a visita a um pastor no estado do Colorado, nos Estados Unidos. Para Dawkins (2007, p. 407):

O tipo específico de loucura do pastor Roberts assume a forma do que ele chama de Casas do Inferno. Uma Casa do Inferno é um lugar onde as crianças são ensinadas, por seus pais ou suas escolas cristãs, a ter um medo estúpido do que pode acontecer com elas depois que morrerem. Atores fazem encenações aterradoras de "pecados" específicos, como o aborto e a homossexualidade, com a presença maligna de um diabo de capa escarlate. Essas encenações são um prelúdio para a *pièce de résistance*, o Inferno Ele-Mesmo, com direito a cheiro de enxofre realista e gritos agonizantes dos eternamente amaldiçoados.

A imaginação pode ser estimulada de muitas formas: às vezes, com histórias criativas sobre a arca de Noé, carruagens de fogo, milagres; às vezes, de modo perverso com histórias sobre genocídios, revelações bíblicas (e porque não dizer, das profecias, exorcismos e teatros feitos para impressionar). Em resposta às cartas, Dawkins (2007, p. 409-410) explicou a uma pessoa, porque o inferno é descrito do modo como foi e a quais fins ele serve:

Sugeri que a repulsividade extrema do inferno, do modo como ele é pintado por padres e freiras, é inflacionada para compensar sua implausibilidade. Se o inferno fosse plausível, ele só teria de ser moderadamente desagradável para ter poder de dissuasão. Como é tão improvável, precisa ser anunciado como muitíssimo assustador, para compensar sua implausibilidade e reter algum poder de dissuasão.

É pelo poder do medo e pela imaginação (de sobra nas crianças) que essas imagens proliferam e inscrevem-se intimamente nas subjetividades. O medo do inferno pode ser muito profundo ao passo que “[...] pode ser muito real, mesmo entre pessoas em princípio racionais” (DAWKINS, 2007, p. 409).

Aviz e Girardello (2021) lembram, com base em textos de Winell, que é um abuso de poder permitir a doutrinação de uma criança que está desenvolvendo suas habilidades cognitivas. Em outras palavras, é um abuso, uma violência submeter alguém que, às vezes, não entende as variações de certo ou errado, convencendo-a de que certas histórias são reais. Essa é a diferença entre a ficção e a bíblia. Na ficção, sabemos que é inventada. A bíblia também sabemos que é. Entretanto, aos fundamentalistas, tudo que está na bíblia é verdade inquestionável: dilúvios, mar se abrindo, pessoas ressuscitando, guerras. Não é permitido a uma criança duvidar ou questionar suas histórias. E, mesmo depois de nos afastarmos das religiões, resta um pouco (ou muito!) de medo e culpa em assumir que a bíblia é uma grande ficção.

O medo de ir para o inferno é também um medo anterior, o da morte. Nossos medos são, talvez em sua maioria, tratados pela bíblia. É como se as religiões cristãs tivessem pensado em tornar a bíblia como um grande manual. Não são poucos os pastores que chamam os indivíduos como “criaturas” e a bíblia é o seu “manual de instruções”.

Destaco duas histórias em especial, histórias narradas e que são complementadas por mais narrativas inventadas por líderes religiosos.

A primeira, a Santa Ceia. Em 1 Coríntios, capítulo 11, na Santa Ceia, Jesus manda que todos examinem o seu comportamento para que não participem do ritual (comer o pão – corpo de Jesus, beber o vinho – sangue de Jesus) em pecado. Entretanto, não foram poucas vezes que, nesse ritual, fomos advertidos por pastores sobre como seria grave e que talvez causasse até a morte fazer esse ritual “em pecado”. Há, obrigatoriamente, um ritual de confissão e de necessidade de perdão embutido, afinal, quem quer morrer com o pão e o vinho na mão? Há, conseqüentemente, um movimento constante de sentir-se culpado.

Outra história bastante presente nos rituais religiosos é a história de Ananias e Safira que morreram por mentir e por não dar certa quantidade de dinheiro que deveriam. Eles roubaram do Senhor. E é com essa história que, nesses círculos religiosos, há uma grande chance de alguém morrer ou ter sua vida devastada por não dar o dízimo (dez por cento de tudo o que recebe). A figura do “devorador”, mais um pseudônimo da entidade antagonista de Deus, aparece como alguém que rouba, mata

e destrói. Ai de quem roube do Senhor, é o que dizem. Minha avó ensinou-me isso desde cedo, ainda quando eu desse dízimo de 2 reais, o que equivalia a 20 centavos. Isso começou na infância e durou até a idade adulta. É necessária muita terapia para desaprender alguns ensinamentos e medos torturantes e aprender outros valores.

Ao longo dessas páginas, além de conceitos, também apresentei algumas narrativas. Sobretudo, o maior argumento é de que é extremamente prejudicial às crianças ter contato com histórias tão radicais, que causam medo e destroem a imaginação. A ameaça constante da punição eterna ou ainda em vida é algo bastante torturante. Para Dawkins (2007, p. 414), “[...] se trata de um abuso de confiança; trata-se de negar à criança o direito de sentir-se livre e aberta para relacionar-se normalmente com o mundo... [...]”.

Winell, já mencionada, tem dedicado suas pesquisas em relação ao que chamou de Síndrome do Trauma Religioso. Infelizmente, há pouco material teórico sobre isso. Algumas entrevistas, alguns textos em inglês, nada divulgado massivamente. Entretanto, creio que há valor, não só pela experiência clínica, mas, sobretudo, por suas conclusões. Para a autora:

Os sintomas dessa síndrome podem ser mais facilmente comparados com o Transtorno de Estresse Pós-Traumático, que resulta da experiência de ser confrontado com a morte ou lesões graves que provocam sentimentos de terror e impotência. Como no Transtorno de Estresse Pós-Traumático, o impacto da Síndrome do Trauma Religioso é de longa duração, com pensamentos intrusivos, estados emocionais negativos, convivência social deficiente e outros problemas. [...] Alguns sintomas-chave são confusão mental, dificuldade em tomar decisões e pensar por si mesmo, falta de sentido ou direção na vida, baixa autoestima, ansiedade de estar no mundo, ataques de pânico, medo da condenação, depressão, pensamentos suicidas, distúrbios do sono e alimentares, abuso de substâncias, pesadelos, perfeccionismo, desconforto com a sexualidade, imagem corporal negativa, problemas de controle de impulso, dificuldade de desfrutar o prazer ou estar presente aqui e agora, raiva, amargura, traição, culpa, sofrimento e perda, dificuldade em expressar emoções, ruptura da rede familiar e social, solidão, problemas relacionados com a sociedade e questões de relacionamento pessoal (GOTARDO, 2013, s./p.).

A lista de sintomas e malefícios é longa. Segundo a especialista, os danos são tão profundos como os de vícios em drogas ou Transtorno de Estresse Pós-Traumático. Para Winell, no artigo *Why Religious Trauma Syndrome Is So Invisible (Por que a síndrome do trauma religioso é tão invisível)*, ao contrário de alguns abusos em que se

pode buscar ajuda profissional e que, na maioria das vezes, os amigos e a família apoiarão:

No caso de abuso religioso, uma pessoa é freqüentemente perseguida por familiares e membros da igreja para retornar, e lembrada de várias maneiras que está condenada de outra forma. Em essência, eles são pressionados a retornar ao autor do abuso. Seu sofrimento não é visto. Na verdade, eles se tornam párias quando não retornam e essa rejeição social é uma camada adicional de ferimentos graves, ausente de outras variedades de trauma¹.

Logo, o afastamento e a busca por uma vida saudável é, na maioria dos casos, a condenação pela família e pelos amigos, a perda do laço social que, muitas vezes, existe desde a infância. Acredito que a ameaça da exclusão no círculo social pode ser uma das formas pelas quais a religião consegue manter as pessoas sob o seu domínio.

É evidente também o círculo vicioso da religião cristã fundamentalista baseado *no pecado, na dúvida, na culpa e no perdão*. Esse círculo de abuso é descrito brilhantemente por Winell (2011, s./p.):

As doutrinas do pecado original e da condenação eterna causam a maior angústia psicológica ao criar o duplo vínculo definitivo. Você é culpado e responsável e enfrenta o castigo eterno. No entanto, você não tem capacidade para fazer nada a respeito. [...] Você deve se conformar a um teste mental de “acreditar” em uma fonte externa e invisível de salvação e manter esse estado de crença até a morte. Você não pode nunca parar de pecar completamente, então você deve continuar a confessar e ser perdoado, esperando ter cumprido os critérios, apesar da completa falta de feedback sobre se você realmente conseguirá chegar ao céu. Afinal, a salvação não é um dom gratuito. Para o crente sincero, isso resulta em um ciclo interminável de vergonha e alívio.

O que observo dessas páginas que escrevi é que é urgente aos pesquisadores de educação, infância e juventudes perceber as relações entre nossa sociedade, a política e a proteção da infância. Aviz e Girardello (2021) explicam que, em contextos fundamentalistas religiosos, é muito difícil garantir os direitos das crianças. É preciso, no entanto, estreitar as relações entre a infância e a religião em contextos extremistas para que, enfim, possamos obter conhecimentos também importantes.

¹ Disponível em: <https://journeyfree.org/article/why-religious-trauma-syndrome-is-so-invisible>. Acesso em: 31 ago. 2021.

A religião tem um “status estranhamente privilegiado” (DAWKINS, 2007) e, geralmente, não questionamos seus métodos e concepções. É preciso ter, no entanto, muita coragem para enfrentar o seu status. O que está em jogo aqui é a liberdade das crianças em experimentar o mundo, sem terem medo de ser eternamente punidas. Ninguém deve passar por isso, em qualquer idade. Mas as cicatrizes inscritas na infância podem permanecer por toda uma vida. O que se torna evidente, em Winell (2014, s./p.), é que há uma concepção bíblica de criança:

Na visão bíblica, uma criança não é um ser que nasce com capacidades incríveis que emergirá com as condições certas como uma bela flor em um jardim bem cuidado. Em vez disso, uma criança nasce em pecado, fraca, ignorante e rebelde, precisando de disciplina para aprender a obediência. O pensamento independente é um orgulho perigoso.

Na mesma direção, Dawkins (2007) ajuda-nos a pensar que há uma relação muito problemática entre religião, fundamentalismo e educação das crianças. Em parte, pois, está sendo roubado delas o direito de pensar livremente. Em muitos contextos, em especial, o americano, com educação domiciliar e escolas dirigidas por cristãos, as crianças são submetidas às crenças dos pais, sem terem condições de resistir. Há, sem dúvida, o rompimento do direito à educação laica, com fundamentos baseados na democracia e na dignidade humana.

Dawkins (2007) contribui para a argumentação até aqui desenvolvida ao declarar que:

Acho que todos nós devemos nos sentir incomodados quando ouvirmos uma criança pequena sendo rotulada como pertencente a uma ou outra religião específica. Crianças pequenas são jovens demais para tomar decisões sobre suas opiniões a respeito da origem do cosmos, da vida ou da moral. O simples som do termo “criança cristã” ou “criança muçulmana” deveria soar como unhas arranhando uma lousa. [...] Deixemos que as crianças aprendam sobre as diferentes fés, deixemos que elas percebam sua incompatibilidade, e deixemos que tirem suas próprias conclusões sobre as conseqüências dessa incompatibilidade. Quanto a se alguma delas é “válida”, deixemos que concluam quando tiverem idade suficiente (DAWKINS, 2007, p. 431-433).

É preciso tornar possível às crianças a liberdade de pensamento e a escolha. Não apenas de suas crenças, mas, sobretudo, de seu futuro (quando possível). Infelizmente, sabemos que, em muitos contextos, a opção não existe, em especial,

quando as crianças já nascem em famílias fundamentalistas cristãs. Espero que as argumentações deste texto permitam que cada pessoa reflita sobre a questão e que, um dia, haja pesquisas suficientes para mostrar a complexidade do assunto. Temo ser acusado de panfletário ou militante com a escrita deste texto, mas não me preocupo já que cada um deve escolher as lutas pelas quais acha válido lutar. Quem sabe podemos romper com a lógica de que “religião não se discute”. Quem sabe, em nome da infância, possamos pensar em processos educativos que instiguem a liberdade do pensamento e que iniciativas como Escola Sem Partido, “ideologia de gênero” e tantas outras manobras discursivas não afetem as crianças e permitam-lhes viver, desde a mais tenra idade, livres do medo paralisante, torturador e traumático. Talvez consigamos, em breve, encontrar saídas para os extremismos, aproveitando possibilidades positivas da religião.

Referências

- ACOSTA, T.; GALLO, S. A educação em disputa no Brasil contemporâneo: entre os estudos de gênero, a dita ideologia de gênero e a produção de uma ‘ideologia de gênesis’. **Educação**, Santa Maria, v. 45, jan./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/43607/pdf>. Acesso em: 30 ago. 2021.
- AVIZ, R. F. de; GIRARDELLO, G. E. P. Fundamentalismos religiosos e pequena infância: reflexões que importam à educação. **Zero - a - Seis**, Florianópolis, v. 23, n. 43, p. 1034-1060, jan./jun. 2021.
- BOLÍVAR, A.; DOMINGO, J.; FERNÁNDEZ, M. **La investigación biográfico-narrativa en educación: enfoque y metodología**. Madrid: Editorial La Muralla, S. A, 2001.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 4. ed. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.
- CÉSAR, D. Record se inspira em Boni e apostará em novelas evangélicas para criar “nação cristã”. **NaTelinha**, [S.l.], 25 ago. 2021. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/novelas/2021/08/25/record-se-inspira-em-boni-e-apostara-em-novelas-evangelicas-para-criar-nacao-crista-168492.php>. Acesso em: 30 ago. 2021.
- CONNELLY, F. M.; CLANDININ, D. J. Relatos de experiencia e investigación narrativa. In: LARROSA, J. et al. **Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación**. Barcelona: Laertes, S. A. de Ediciones, 1995. p. 11-59.
- DAWKINS, R. **Deus: um delírio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FOUCAULT, M. **Tecnologías del yo**. 1. ed. Buenos Aires: Paidós, 2008.
- FOUCAULT, M. A verdade e o poder. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2019. p. 35-54.

FUNDAMENTALISMO. Dicio, Dicionário Online de Português, [S.l.], 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/fundamentalismo>. Acesso em: 30 ago. 2021.

GABATZ, C. **O neopentecostalismo e a teologia da prosperidade no Brasil**: aspectos de uma identidade religiosa e social na contemporaneidade. 2017. 171 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

GOTARDO, G. Fundamentalismo gera trauma religioso. **ExtraClasse**, [S. l.], 20 out. 2013. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/geral/2013/10/fundamentalismo-gera-trauma-religioso>. Acesso em: 30 ago. 2021.

LIONÇO, T. *et al.* Ideologia de gênero: estratégia argumentativa que forja cientificidade para o fundamentalismo religioso. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 18, n. 43, p. 599-621, dez. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2018000300011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 ago. 2021.

PANASIEWICZ, R. Olhar hermético ou hermenêutico: fundamentalismo religioso, origens e desafios. **Atualidade teológica**, [S.l.], p. 1-11, 2008. Disponível em: <https://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/docdigital/simposioteologia/pdf/Roberlei%20Panasiewicz.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2021.

WINELL, M. Religious Trauma Syndrome. **Journey Free**, [S.l.], 2011. (Publicado originalmente em *Cognitive Behavioural Therapy Today*, Vol. 39, Issue 2, May 2011, Vol. 39, Issue 3, September 2011, Vol. 39, Issue 4, November 2011. British Association of Behavioural and Cognitive Therapies, London). Disponível em: <https://journeyfree.org/rts/>. Acesso em: 31 ago. 2021.

WINELL, M. The Crazy-Making in Christianity: A look at real psychological harm. **Journey Free**, [S.l.], 2014. Disponível em: <https://journeyfree.org/article/the-crazy-making-in-christianity-a-look-at-real-psychological-harm>. Acesso em: 31 ago. 2021.

WINELL, M. Why Religious Trauma Syndrome Is So Invisible. **Journey Free**. Disponível em: <https://journeyfree.org/article/why-religious-trauma-syndrome-is-so-invisible>. Acesso em: 31 ago. 2021.